

Tradição e contemporaneidade no filme serial infantil alemão *Bibi a bruxinha* (“*Bibi Blocksberg*”, 2002)

Alexandre Martins Soares

e-mail: alexdrsoares@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3067082842626699>

RESUMO

A história cultural alemã é marcada por tradições populares dos contos românticos, canções infantis e consagradas estéticas cinematográficas. Por outro lado, a memória é tornada cada vez mais instantânea na atual cultura jovem globalizada e de popularização das tecnologias digitais. Em uma análise do filme infantil *Bibi a Bruxinha* (**Bibi Blocksberg**, 2002), são destacadas as relações entre cinema e memória, o imaginário multimídia, intercultural e entre gerações, sobretudo no universo feminino das protagonistas.

Palavras-chave: Cinema alemão. Imaginário infantil. Estudos femininos.

INTRODUÇÃO

Propõe-se neste ensaio uma análise do filme infantil *Bibi a bruxinha* (**Bibi Blocksberg**, 2002), dirigido por Hermine Huntgeburth, em que transitam informações audiovisuais sobre o “velho e o novo”. Seu tema vem de longa tradição romântica centro-europeia, mas também apresenta novidades da jovem cultura de massa globalizada. Existem nele motivos e estéticas antigos demais para espectadores muito jovens? Se não, como foram reelaborados? Em contraposição, questiona-se: apresenta estéticas, comportamentos e performances por demais infantis e adolescentes para um público maduro e tradicional? Ou é uma obra a unificar gerações proporcionando trocas de experiências e descobertas? Para lançar algumas luzes sobre a questão, parte-se de um referencial teórico de estudos da cultura folclórica e romântica alemã, estudos cinematográficos e dos *media* infanto-juvenis alemães.

O imaginário em trânsito

Hans-Georg Wehling relata que as florestas são percebidas como parte da identidade dos alemães.¹ Albrecht Lehmann afirma mesmo, que natureza e cultura se encontram na floresta alemã. Desde os irmãos Grimm, passando por artistas e literatos românticos, foi reelaborado um imaginário composto de histórias do lado oculto da natureza. Por trás delas, há vestígios de um passado de guerras, mudanças sociais e revoluções tecnológicas a gerar ansiedades em populações tradicionais. Na Alemanha, houve uma intensa elaboração de matéria coletada da cultura popular por intermédio de uma intelectualidade urbana de erudição universal.² Elias Canetti chamou a atenção para o fato de que intelectuais e artistas necessitavam primeiramente da segurança proporcionada por um grande centro urbano, do apoio e conforto na corte de um príncipe, para então sentir a nostalgia romântica da natureza.³

Muitos contos de tradição oral centro-europeia foram reunidos, escritos e reescritos para publicações em coletâneas há mais de um século. A origem de muitos deles é desconhecida. Famosos são os contos populares dos irmãos Grimm, compiladores e criadores, que foram traduzidos para mais de 160 idiomas.⁴ As histórias de *Chapeuzinho Vermelho* (**Rotkäppchen**), *Joãozinho e Maria* (**Hänsel und Gretel**), *Cinderela* (**Aschenputtel**) e o sapo príncipe à espera do beijo de uma princesa para libertá-lo (**Der Froschkönig**) estão presentes no imaginário de crianças e adultos de todo o mundo. Elas representam mesmo, uma mundialização de tradições folclóricas muito anteriores à atual cultura de massa globalizada proporcionada pelos *media* dos tempos das comunicações digitais e via satélite.

As bruxas das coletâneas de contos dos irmãos Grimm se tornaram muito populares. Em *Joãozinho e Maria* se encontra o modelo característico, como até hoje em dia ficou marcado no imaginário popular: a velha feia e má que mora em uma casinha na

1 WEHLING, 2001.

2 LEHMAN, 2001.

3 CANETTI, Elias. *Masse und Macht*. Hamburg: [s.n.], 1960 *apud* LEHMAN, *Ibid.*

4 DALLAPIAZZA *et. al.*, 2008.

floresta.⁵ E o poema trágico *Fausto* (**Faust**, 1808/1832) de Goethe, grande obra da cultura alemã, faz referências às bruxas que se reuniam na montanha Blocksberg conforme narrativas de fontes datadas do século XVII.⁶

Além das obras literárias alemãs tornadas universais, ocorreu um trânsito de outras manifestações culturais entre terras separadas pelo oceano. A festa de Halloween, por exemplo, possui origens europeias e foi levada pelos imigrantes aos Estados Unidos, sendo lá reelaborada e retornando à Europa.⁷ Outra tradição alemã é constituída das *Kinderlieder*, ou canções infantis. Annik Rubens relata que a maioria delas tem origens no século XIX e são lembradas nos jardins de infância. Em muitas *Kinderlieder* existem animais e outras referências à natureza.⁸

Na Alemanha do século XIX, unificada em um estado nacional, havia também as condições propícias para o desenvolvimento da arte expressionista. O país passava por rápido processo de industrialização, enquanto permaneciam antigos códigos morais repressivos.⁹ Um romantismo extremado tomará forma na pintura e na literatura, em que os artistas externavam uma visão subjetiva de mundo percebido como absurdo. Seu imaginário está repleto de montanhas e florestas sombrias, castelos sinistros e céus com nuvens escuras. Lotte Eisner lembra que o gosto pelo sobrenatural é algo que os alemães cultivam desde a infância, em histórias de fantasmas e feiticeiras.¹⁰ O expressionismo será manifestado com toda a intensidade no cinema a partir do filme *O gabinete do Dr. Caligari* (**Das Kabinett des Dr. Caligari**, Alemanha, 1919). Em termos gerais, as características do filme expressionista alemão são: a presença do elemento fantástico; contraste visual entre claro e escuro, há fachos de luzes a cortar o espaço sombrio; os elementos cênicos são estilizados e expressam tormentos da alma dos protagonistas; a natureza é mostrada como ameaçadora; há um livro antigo que contém fórmulas mágicas

5 GIERLICH, 2009-2010.

6 GIERLICH, *Ibid.*

7 FUNK *et al*, 2006.

8 RUBENS, 2008.

9 NAZARIO, 1999.

10 EISNER, 1985.

e soluções para os enigmas; o espaço cênico parece ser ao mesmo tempo fechado e infinito.¹¹

Bibi Blocksberg e os media infanto-juvenis alemães globalizados

Sven Jöckel *et al.* observam que os *media* possuem um importante papel na vida das crianças e jovens, com oferta crescente e diferenciada de produtos lançados em suportes variados. São postos os conceitos de *Crossmedialität* (*transmidialidade*) e de *Konvergenz* (convergência) dos *media*. Um produto núcleo apresentado em um formato é integrado a outros em uma rede de convergência das tecnologias da comunicação. Observa-se a universalidade do gosto pelas narrativas fantásticas.¹²

Bibi Blocksberg e suas aventuras foram criadas por Elfie Donnelly e lançadas a partir de 1980, na então Alemanha Ocidental, pela Kiddinx Studio em formato de cassetes para a infância. Antes da adaptação para o cinema, elas já constituíam sucessos lançados também, a partir dos anos 1990, em desenhos animados para a televisão e uma revista mensal.¹³ São aventuras que atravessaram gerações, realçando o potencial de nostalgia em um imaginário de referenciais compartilháveis entre pais e filhos. *Bibi a Bruxinha* (**Bibi Blocksberg**, Alemanha, 2002), o filme, foi produzido pela Bavaria Film Verleih-Und Produktions GMBH, dirigido por Hermine Huntgeburth e o roteiro adaptado do argumento de Elfie Donnelly. A história assume um caráter serial com o lançamento de *Bibi Blocksberg 2 O segredo das corujas azuis* (**Bibi Blocksberg and the Secret of the Blue Owls**, 2004). Os filmes foram lançados em formato DVD no mercado mundial e as aventuras de Bibi Blocksberg motivaram também a criação de *site* para crianças, lançamentos de produtos escolares, jogos de computador, além de livros e revistas.

Análise do filme *Bibi a Bruxinha* (“Bibi Blocksberg”, Alemanha, 2002)

11 EISNER, 1985; NAZARIO, 1999.

12 JÖCKEL *et. al.*, 2009.

13 JÖCKEL *et. al. Ibid.*

As primeiras cenas de *Bibi a Bruxinha*, em tomadas panorâmicas, mostram a localidade de Neustadt cercada por amplos campos e florestas. O que já assinala desde o início, o imaginário da nostalgia da vida em contato com a natureza. A casa de Bibi é cercada de agradáveis jardins e bosques. Há uma comemoração ao ar livre, com a família e amigos, em que a bruxinha é homenageada por ter salvado duas crianças de um incêndio. Pelo feito, ela é comunicada que receberá sua bola de cristal ainda antes de completar os quinze anos, idade esta que seria determinada pela tradição. É a reafirmação do *status* da juventude pelos *media* a criar modelos cada vez mais jovens, enquanto tradições são rompidas. Radiante com a notícia de que será oficialmente uma bruxa, Bibi Blocksberg (Sidonie von Krosigk) mostra em segredo a bola de cristal de sua mãe ao amigo Florian (Maximilian Befort) e a uma amiga, e diz que receberá uma igual àquela. Ao explicar sobre o que a bola de cristal é capaz de realizar, de proporcionar a visualização de lugares no passado e no futuro, Bibi tenta uma comparação imperfeita com a televisão. Florian, menino interessando em matemática e tecnologia, pergunta se não tem alguma câmera atrás, e imagina o quanto Bill Gates pagaria pela patente!

De noite, Bibi está ansiosa pela viagem à montanha Blocksberg para a cerimônia em que receberá sua bola de cristal. Ela não consegue dormir, lembrando que deverá ser capaz de realizar alguma magia perante o círculo das bruxas. A cenografia estilizada de seu local de refúgio, que é uma casinha no jardim da casa de seus pais, realça a fantasia. A luz de uma luminária giratória projeta sombras fantasmagóricas. Bibi folheia seu livro de aprendiz e a seguir, sai ao jardim e começa a imaginar. Então, há uma coreografia de dança macabra em um cemitério, com três seres de aparência assustadora, algo *fake*, porém amigáveis! Sobre alguns túmulos, estão colocadas abóboras com faces esculpidas e luzes interiores. O referencial imagético se relaciona com a fantasia infantil da festa de Halloween norte-americana.

De dia, Bibi surge em cena usando jeans, camiseta *glitter*, botas e um chapéu cor de rosa! Barbara (Katja Riemann), mãe de Bibi e também uma bruxa, diz à menina que deve usar uma roupa mais adequada para a cerimônia tradicional. Mãe e filha voam à Blocksberg em vassouras, passando por campos, montanhas e bosques mostrados

abaixo. Ao se aproximarem de Blocksberg, essa montanha vem surgindo sombria e envolta em nuvens negras, o que proporciona tons mais expressionistas ao filme, em contraste com a visualidade límpida do início.

Em Blocksberg, as bruxas se reúnem para a cerimônia. Há bruxas de aspecto mais tradicional do imaginário dos antigos contos, mas sem os exageros dos traços negativos. As idosas são senhoras que emanam simpatia e autoridade. E mesmo Rabia (Corinna Harfouch), a bruxa má, é uma mulher de traços bonitos, embora possuindo maneiras e visual sinistros que lembram a bruxa das narrativas dos irmãos Grimm. Bibi é recebida alegremente por duas meninas aprendizes de bruxaria, Schubia (Anja Sommavilla) e Arkadia (Elia Geissler), essas sim são “coleguinhas da moda”. Seus modos e aparência contrastam com a importância dada à tradição que foi lembrada a Bibi pelas bruxas veteranas. Arkadia se parece com uma cantora *pop* extravagante, loura que abusa do uso da cor de rosa. Schubia, por sua vez, segue a linha mais sombria, porém, com alguns toques *punk-pop* como mechas coloridas nos cabelos. Junto a elas, Bibi não destoaria com as roupas “descoladas” que pretendia usar. No entanto, Schubia e Arkadia ficam surpresas por Bibi morar em uma casa “normal” de família, ir à escola como outra criança qualquer e não viver em um internato de aprendizes de bruxaria!

Em *Bibi a bruxinha*, além do destaque dado à vida em meio a campos e florestas, há também a presença de animais enfeitados: seja o gato falante de Rabia, seja a própria Rabia que se transforma em um esquilo para penetrar furtivamente na casa dos Blocksberg e tentar reaver sua bola de cristal. É que por inveja, Rabia havia quebrado a bola de cristal de Bibi durante a cerimônia na montanha. Walpurgia (Monica Bleibtreu), a bruxa líder, obrigou então Rabia a dar à Bibi sua própria bola de cristal como reparação. Nela, estavam as informações, como se fossem um arquivo oculto, sobre os componentes da fórmula do elixir da juventude que a bruxa má havia roubado em Blocksberg. O imaginário de animais fantásticos e uma casinha em meio à floresta vem da tradição das *Kinderlieder* e dos contos. Na cerimônia de entrega da bola de cristal, Walpurgia diz solenemente

Nesta bola de cristal, Bibi, encontra-se a energia curadora de Galinda. Quem a recebe **assume uma grande responsabilidade**. Os poderes desta bola vão ajudar a salvar e a curar... e a **profundidade das imagens** vai lhe exigir **profundidade de pensamento**. Que a sabedoria tome conta de você e guie os seus atos (In: *Bibi a bruxinha*, 19 min., grifos meus).¹⁴

Esta passagem traz duas ideias notáveis: a primeira indaga qual o tipo de responsabilidade uma criança deve assumir, e seu desdobramento de que os direitos vêm acompanhados de deveres. Bibi é propensa a fazer travessuras usando seus poderes de bruxa e sua mãe tem que lembrá-la sempre de regras importantes a serem observadas entre as bruxas e na convivência com as pessoas normais. A segunda ideia se relaciona com uma discussão muito presente sobre a relação das crianças e dos jovens com os *media* na atualidade. No filme, há comparações da bola de cristal com a televisão ou o computador. Se no mundo da tradição, as imagens e o saber possuem uma aura sagrada, significativa e elevada, no mundo contemporâneo discute-se sobre banalização das imagens e informações que são consumidas superficialmente e rapidamente descartadas.

Bibi havia oferecido a Florian seu pequeno local de refúgio, enquanto durar a viagem do pai do menino, o trompetista Tom, à Londres para um concerto. Bibi volta de Blocksberg, já em posse de sua bola de cristal. Com ela, a bruxinha ajuda Florian a ter notícias do pai. Eles visualizam o teatro em Londres fechado e Tom em companhia de uma misteriosa mulher. Florian pensa que seu pai está mentindo e, angustiado, se recolhe para dormir. Na casinha do jardim, o computador comunica a chegada de uma mensagem eletrônica do pai, cujo conteúdo dizendo ter sido o concerto um sucesso só contribui para aumentar as contradições. São notáveis os contrastes entre o velho e o novo: há a rústica casinha próxima ao bosque, dentro dela há o contemporâneo computador. Na tela do monitor, o anúncio da chegada da mensagem eletrônica ocorre como se fosse por uma mágica.

14 [Versão do original em alemão] „In dieser Kugel, Bibi, ist die heilende Energie der Galinda. Wer sie bekommt, übernimmt eine große Verantwortung. Die Kräfte der Kugel werden dir beim Retten und Heilen helfen... und die Tiefe ihrer Bilder wird die Tiefe deiner Gedanken fördern. Möge Weisheit auf dich übergehen und deine Handlungen leiten“.

Rabia quer reaver “sua” bola de cristal e aproveita-se da ansiedade de Florian por notícias do pai. A bruxa o enfeitiça, fazendo com que o garoto se aproprie indevidamente da bola de cristal de Bibi. Mas a bola de cristal não funciona com ele, mesmo quando tenta imitar os dizeres mágicos da bruxinha. Sua lógica baseada na razão técnica o faz agir como se estivesse lidando com um equipamento eletrônico, que para funcionar bastaria ter uma senha. O sombrio castelo da Rabia, por sua vez, possui a típica visualidade dos castelos dos contos tradicionais e dos filmes de terror, com o laboratório de alquimia e livros velhos contendo fórmulas mágicas. No entanto, há nele algo que destoa: a presença de um aparelho televisor! É por causa dele que Rabia teve a ideia de se transformar em um esquilo para entrar na casa de Bibi, enquanto via um documentário sobre a vida natural. Novamente, a nostalgia da floresta é reafirmada.

Em *Bibi a bruxinha*, o conhecimento dos segredos do mundo natural e das forças ocultas para além do que é mensurável pertence às mulheres. Já Bernhard Blocksberg (Ulrich Noethen), o pai de Bibi, é um homem comum que trabalha para uma grande empresa. Ele lida com o mundo contábil. Notáveis são as confrontações de dualidades: o mundo feminino e o masculino, o mundo natural e o da técnica, o mundo natural e o sobrenatural, o velho e o novo, as tradições folclóricas centro-europeias e as novas modas norte-americanas. Bernhard não se sente à vontade com o fato de sua esposa e filha serem bruxas. Teme que isso venha a prejudicar sua carreira em um ramo profissional que requer credibilidade científica. Ele chega mesmo a pressionar para que elas abandonem a prática da bruxaria e assim, possam ser apenas uma família “normal”. O que é percebido por Rabia como uma oportunidade para afastar mãe e filha do seu caminho. Para tal, basta causar problemas para o pai de Bibi com bruxarias. Ela é a bruxa má à moda dos velhos contos, porém com novidades: Rabia invade o computador de Bernhard como se fosse uma *cracker* da atualidade. Porém, sem entender nada de tecnologia, para quebrar a senha e embaralhar todo o relatório contábil de Bernhard, ela usa seus poderes de bruxa. Após o feito maléfico disfarçada de secretária, ela volta aos trajes da bruxa tradicional. Rabia dança então um ritmo latino pelas ruas vazias, o que contrasta com a sua sombria figura da bruxa gótica alemã. Bernhard, o homem que

possui confiança no mundo dos números e das máquinas, passa por terríveis constrangimentos em importante reunião da empresa.

Após o escândalo empresarial envolvendo Bernhard, Barbara tenta convencer Bibi a irem a Blocksberg e abjurarem dos poderes de bruxa em uma cerimônia. Apesar da veemente negativa da jovem desafiante da autoridade, Bibi acaba por ser convencida.

[Barbara] Imagine se nós duas, eu e você... fôssemos mulheres normais. Sem vassoura, sem feitiços, sem bola de crista./ [Bibi] Ia ser muito monótono./ [Barbara] É... não... quero dizer.../ Bem.../ Hoje em dia não é mais como antes./ A bruxaria não é mais moderna. Hoje em dia existe a eletrônica... microchips [sic] e tal. Se fosse necessário, poderíamos viver sem a bruxaria, não? A gente ia conseguir./ [Bibi] Só porque o senhor "Brutokock" quer que deixemos de ser bruxas?! Não! Nina-nina-nina! (in: *Bibi a bruxinha*, 58 min.)¹⁵

Uma cerimônia para abjuramento é solicitada por Barbara fazendo uso de uma ligação telefônica a Walpurgia, que fica surpresa. A bruxa líder vive em um local com paredes de pedra como se fosse uma caverna em que há estantes com muitos livros, outros móveis e objetos de um lar acolhedor. Schubia e Arkadia, que lá vivem como aprendizes, assistem à televisão! Mais adiante, há uma tomada de câmera em *plonger* do círculo das bruxas já reunidas novamente em Blocksberg, desta vez para a cerimônia de abjuramento. As imagens realçam o contraste claro-escuro pela iluminação com tochas. Porém, enquanto Barbara já está diante do círculo, Bibi reencontra Schubia e Arkadia. Juntas, elas deduzem que o ocorrido foi devido às más intenções de Rabia. Há então, outro choque do mundo da tradição com o mundo da contemporaneidade. As três garotas coreografam uma canção à moda dos atuais musicais *teens* norte-americanos e afirmam serem bruxas da nova geração. Esse tipo de *performance* toma o lugar das *Kinderlieder*.

15 [Versão do original em alemão - Barbara] „Stell dir mal vor, wir beide, also du und ich... Wir wären ganz normale Frauen. Ohne Besen. Ohne sprüche. Ohne Kugeln./ [Bibi] Das wären ziemlich langweilig./ [Barbara] Já... nein... Ich meine.../ Also.../ Es ist ja nicht mehr so wie früher, heutzutage./ Hexen ist ja nicht besonders modern./ Heutzutage gibt's die Elektronik... Microchips und so.../ Wir könnten doch auch zur Not... ohne hexerein leben, Bibi, oder? Das könnten wir doch./ [Bibi] Nur weil der Buttcock will, dass wir keine Hexen mehr sind? Nie! Nie-nie-nie-niemals!“

O trio deve alertar Barbara para que não faça o abjuramento na cerimônia já iniciada. Mas com um feitiço Rabia as deixa presas. Bibi faz então um esforço para se lembrar dos dizeres encantados, contando unicamente com sua memória interna, de longo prazo, para poder destrancar a porta.

A cerimônia de abjuramento de Barbara continua. Quando a bola de cristal deve ser lançada ao fogo, para o desespero de Rabia que não previra isto, Walpurgia lembra que a prática faz parte da regra de abjuramento de 1634. Trata-se de uma lembrança que o filme proporciona do século que legou fontes diversas a fazerem referências às tradições das bruxas.

Bibi decide que deve continuar sendo uma bruxa, pois só assim poderá lutar contra Rabia que parte para a ação direta capturando o casal Blocksberg. Aproveitando-se que Barbara abjurou dos seus poderes mágicos, a bruxa má a prende junto com o marido em seu castelo. Em uma referência subvertida ao conto dos irmãos Grimms, agora são os adultos, e não as crianças, que ficam confinados em uma gaiola. Fazendo uso do telefone, Bibi pede ajuda às bruxas de Blocksberg e segue em um voo de vassoura rumo ao castelo de Rabia, levando Florian, para tentar libertar os pais. As cenas do castelo em meio à floresta sombria apresentam elementos expressionistas. O contraste entre o claro e escuro é acentuado, e em seu interior há um grande facho da luz que atravessa o salão. Rabia assume as características da bruxa má dos contos pelos trajés sombrios e gritos horripilantes. Ela persegue as duas crianças por escadas que compõem espaços similares aos de antigos filmes expressionistas alemães. Os espaços parecem ser ao mesmo tempo fechados e infinitos. Uma legião de bruxas de Blocksberg montadas em vassouras chega a socorro. Seus vultos cortam velozmente o céu noturno.

Considerações finais

Em *Bibi a bruxinha*, a nostalgia e a novidade se encontram. O imaginário fantástico está imbuído de componentes da avançada razão técnica industrial. Há o intercâmbio de referenciais conexos entre gerações, possíveis de serem discutidos entre pais e filhos, ou

mesmo entre avós e netos. Sobre a relação feita dos homens com a razão técnica e das mulheres com os mistérios por trás do mundo natural, seria interessante uma confrontação com o belo vídeo *Geht Doch!* divulgado no site da Fraunhofer, grande organização alemã para pesquisa aplicada. Nesse, se procura desmistificar o que seria uma resistência maior das meninas para as chamadas *Hard Science*, incentivando-as a explorarem seus talentos nas ciências que realizam feitos como se ocorressem pelos mais imaginativos encantamentos!¹⁶

REFERÊNCIAS

BIBI a bruxinha. Direção: Hermine Huntgeburth. Barueri/SP: Europa Filmes, 2007. 1 videodisco (102 min.), son., color., legendado. Tradução de: Bibi Blocksberg.

BIBI a bruxinha 2. Direção: Franziska Buch. Barueri/SP: Europa Filmes, 2007. 1 videodisco (110 min.), son., color., legendado. Tradução de: Bibi Blocksberg and The Secret of The Blue Owls.

DALLAPIAZZA, Rosa Maria *et. al.* *Ziel B2*. Deutsch als Fremdsprache. Ismaning: Hueber Verlag, 2008.

EISNER, Lotte. *A tela demoníaca: as influências de Max Reinhardt e do expressionismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FUNK, Hermann; KUHN, Christina; DEMME, Silke. Feste und Geschenke. In: _____ *studio d A2*. Deutsch als Fremdsprache. Kurs- und Übungsbuch. Berlin: Cornelsen Verlag, 2006. (Gemeinsamer Europäischer Referenzrahmen).

GIERLICH, Gabriele. *Hexen. Mythos und Wirklichkeit*. Handreichung für Pädagoginnen und Pädagogen. 13. Historisches Museum der Pfalz Speyer, September 2009 bis 02. Mai 2010. Verfügbar unter: <http://www.museum.speyer.de/dyndata/Handreichung_Hexen.pdf>. Abgerufen am: 07 Januar 2014.

¹⁶ *Doch*, do idioma alemão, é uma expressão usada para negar uma afirmação contraditória ou absurda. Algo como “tenha paciência!” ou “então não sabe que...” (Ver DOCH In: LANGENSCHIEDTS Taschenwörterbuch Portugiesisch-Deutsch/Deutsch-Portugiesisch. Berlin: Langenscheidts, 1982. p.768). O vídeo *Geht Doch!* está disponível em alemão In: <<http://www.fraunhofer.de/de/ueber-fraunhofer/geht-doch.html>>.

JÖCKEL, Sven (Hrsg). *Forschungspapiere Kinder- und Jugendmedien*. Forschungspapiere für den Masterstudiengang Kinder- und Jugendmedien der Universität Erfurt, Erfurt, 2009. Disponível unter: <http://www.db-thueringen.de/servlets/DerivateServlet/Derivate-9296/KJM_01_2009.pdf#page=75>. Abgerufen am: 05 Januar 2014.

LEHMANN, Albrecht. Natur und Kultur begegnen sich im Wald. Mythos Deutscher Wald. Waldbewusstsein und Waldwissen in Deutschland. In: *Der Bürger im Staat*. 51. Jahrgang Heft 1, 2001. S. 4-9. Disponível unter: <http://www.buergerimstaat.de/1_01/wald_01.pdf>. Abgerufen am: 16 Januar 2014.

NAZARIO, Luiz. *As sombras móveis*. Atualidade do cinema mudo. Belo Horizonte: Ed. UFMG; [midia@arte UFMG](mailto:midia@arte.ufmg.br), 1999.

RUBENS, Annik. Kinderlieder. In: *Slow German mit Annik Rubens*. 2006. Available from: <<http://www.slowgerman.com/2008/10/02/slow-german-036-kinderlieder/>>. Access in: 22 June 2014.

WEHLING, Hans-Georg. Der deutsche Wald. In: *Der Bürger im Staat*. 51. Jahrgang Heft 1, 2001. S.2-3. Disponível unter: <http://www.buergerimstaat.de/1_01/wald_01.pdf>. Abgerufen am: 16 Januar 2014.

SOBRE O AUTOR:

Doutorando em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG, desenvolve a tese **Na vitrine do socialismo. Mulheres do cinema da DEFA e da Ostalgie** sob orientação do Prof. Dr. Luiz Nazario. É Especialista em Educação a Distância pelo SENAC-MG (2009), mestre pela EBA-UFMG (2003) e graduado em Cinema de Animação também pela EBA-UFMG (2000). Possui os seguintes campos de interesse: O imaginário feminino no cinema, com ênfase no cinema alemão; Relações entre Artes & Ciências, com ênfase na animação científica digital.